



Transição agroecológica: participar, fazer e comunicar na Comunidade Cana Verde, no Sudoeste Goiano.

Agroecological transition: participating, making and communicating in the Cana Verde Community in Southwestern Goiás.

GALVÁN, Gabriel Horacio¹; RIBEIRO, Dinalva Donizete²

¹ Engenheiro Agrônomo (UNC - Argentina). Mestrando da Escola de Agronomia/Setor de Desenvolvimento Rural, Universidade Federal de Goiás; ² Professora da Escola de Agronomia/Setor de Desenvolvimento Rural da Universidade Federal de Goiás.

Eixo temático 6: Construção do conhecimento agroecológico e dinâmicas comunitárias

Resumo: Apresenta-se o processo de transição à agroecológica experimentado por famílias da Comunidade Cana Verde no Sudoeste Goiano. A pesquisa está contida na agenda do curso de mestrado do primeiro autor sob a orientação da segunda autora. São analisados desafios em diferentes escalas do processo produtivo ancorados nos princípios e nas práticas do paradigma agroecológico. Tal processo teve início intermitente em 2016 e se mantém até a atualidade (2019). Os resultados dessa investidura evidenciam aspectos internos à unidade de produção que possibilitam a transição agroecológica e fatores conjunturais, externos, oriundos do avanço do agronegócio nos arredores da Comunidade, que dificultam a transição. São apresentados e discutidos resultados de natureza qualitativa, técnica e quantitativa na avaliação do processo de transição daquelas famílias à agroecologia.

Palavras-chave: Agroecologia; Reprodução Camponesa; Biofábricas; Insumos Biológicos.

Keywords: Agroecology; Peasant reproduction; Biofactories; Biological inputs.

Introdução

As análises procedidas são fruto da pesquisa em curso junto a quatro famílias da Comunidade Cana Verde localizada no município de Caiapônia, no Sudoeste Goiano. Essa região é, no estado, o *lócus* onde a economia do agronegócio impulsiona mais fortemente a expansão das monoculturas de grãos, de cana de açúcar e gado de corte (RIBEIRO, 2005). Partimos da compreensão do agronegócio como sendo uma forma de organização da produção e do capital no campo, bem como dos processos de financeirização, gestão e comercialização derivados (HEREDIA, 2010), cuja expansão, tem provocado impactos e dificultado a reprodução das famílias camponesas, por meio do cercamento de suas terras.

Parte do crescimento da área plantada com tais culturas se deu nos arredores da Comunidade Cana Verde, o que nos habilita a afirmar o processo de cercamento, nos moldes tratados por Silva (2018). A expansão dessas culturas beira os limites das propriedades, menos de 300 metros em alguns casos. Dadas às dimensões destas lavouras, resulta difícil pensar que seu manejo possa ser feito sem uso do pacote tecnológico convencional. As famílias da Comunidade relatam que nos últimos cinco anos (a partir de 2014) é recorrente a presença de aviões aplicando agrotóxicos no entornos dos seus sítios. Isso não ocorria anteriormente, pois aquelas culturas não



estavam ali instaladas; como consequência, registrou-se o aumento das “pragas nas áreas de produção dos sítios”, conforme nos foi relatado por membros da Comunidade.

Diante esse contexto, relativamente desfavorável, a experiência desenvolvida de forma comunitária pelas quatro famílias apresenta desafios ao mesmo tempo em que se configura como um processo necessário à elaboração de um modelo de agricultura contrahegemônico na região, a garantir a reprodução social e material do campesinato. Aquelas famílias desempenham importante papel na produção de alimento (em quantidade, qualidade e diversidade), garantindo a segurança e a soberania alimentar e nutricional, além de promover renda por meio da comercialização em canais curtos, contribuindo com o desenvolvimento local.

Do ponto de vista teórico, as unidades de produção estariam enquadradas na etapa de “substituição de práticas e insumos convencionais por práticas alternativas” (GLIESMANN, 2005, p. 574), representado pela troca parcial dos fertilizantes químicos por biofertilizantes produzidos no próprio sítio. A substituição está em curso, mas não em estágio possível de interromper o uso de fertilizantes de síntese química, que acabam por desencadear prejuízos na microbiologia e na física do solo, no decorrer do processo.

Também, os processos produtivos ainda são dependentes de recursos genéticos, sobretudo de sementes compradas no mercado convencional que vêm “tratadas” com venenos (exceto de feijão e tomate e as ramas de mandioca e cana). Destacamos a pluralidade de culturas e de animais, a presença de mata nativa que propicia diversidade interna e também no nível de paisagem.

Metodologia

A pesquisa está em desenvolvimento desde 2016 junto a quatro famílias, que somam um total de quinze pessoas na Comunidade Cana Verde. Os processos são desenvolvidos em duas unidades produtivas de vinte e cinco hectares. As atividades estão baseadas na produção de hortaliças folhosas, tubérculos, frutas e cana de açúcar para produção de seus derivados (rapadura, melado, “moça branca”, etc.). Em relação à produção animal, criam-se aves de corte e postura; suínos, peixes e gado bovino, destinado tanto à produção de leite, seus derivados (doces e queijos) e carne. O resultado da produção (agrícola e pecuária) é destinado ao consumo familiar e à comercialização em feiras, supermercados e mercados institucionais (PNAE) no próprio município e outros próximos à Comunidade.

Nossa aproximação com a Comunidade começou no ano 2016, se intensificou de forma sistemática no ano 2018 e segue em 2019, ancorada na pesquisa participante, na pesquisa-ação e na etnografia. As atividades com as quais contribuimos na Comunidade foram desenvolvidas a partir do anseio das famílias em desenvolver uma agricultura “livre de venenos”, como nos dizem. Nesse sentido destaca-se o



componente ético da agricultura camponesa (SHANIN, 1980), intrínseco à dimensão ética da agroecologia (CAPORAL & COSTABEBER, 2002) no compromisso de produzir alimentos limpos e saudáveis para si, à comunidade e em consonância com a natureza.

Em 2019, o envolvimento nos processos produtivos, próprio da pesquisa participante, convergiu para a construção das “Biofábricas Camponesas” a produzir grande parte dos insumos biológicos demandados pelas unidades de produção; isso foi bastante relevante para a transição agroecológica e impactaram de forma rápida, trazendo benefícios visíveis e mensuráveis por parte das famílias.

A aproximação com a Comunidade para fins da pesquisa participante teve como ponto de partida teórico a recuperação da saúde do solo enquanto fator preponderante no paradigma agroecológico. Para tal, foi adotada a premissa de Primavesi (1998) de “solo sadio, planta sadia, alimento sadio” e a Teoria da Trofobiiose (CHABBOUSSOU, 2012) que postula sobre a incidência de insetos indicadores (ao invés de “pragas”) em função do desequilíbrio nutricional das culturas provocado pelos adubos de síntese química.

Resultados e Discussão

Destacam-se resultados qualitativos e quantitativos. Os primeiros estão refletidos nos diversos aspectos que permeiam as relações sociais e de produção nos sítios e nas famílias envolvidas na transição agroecológica, como a aprendizagem na elaboração dos insumos biológicos (Adubos, Biofertilizantes e Caldas Minerais) e a multiplicação destes conhecimentos segundo a metodologia “Camponês a Camponês” (MACHIN et al, 2012), nos diversos espaços que eles transitam.

Quanto aos resultados quantificáveis, destacamos a Biofábrica Camponesa (única na região) que se constitui em um importante recurso técnico já que está em condições de produzir, em quantidade e em qualidade, vários biofertilizantes, reduzindo custos de produção das famílias e facilitando sua autonomia do mercado de insumos químicos. Projeta-se que o sítio que abriga a Biofábrica venha a ser uma unidade demonstrativa na região, a inspirar outras famílias e comunidades.

Os insumos biológicos produzidos na biofábrica podem ser agrupados em três tipos, segundo Restrepo (2007): Adubos, Biofertilizantes e Caldas. No grupo dos adubos, foi elaborado o Bokashi a partir de subprodutos obtidos na própria unidade produtiva (bagaço da cana de açúcar, esterco, cinzas, melado de cana, etc.) e terra de mata, a ser utilizado como fertilizante recuperador dos solos. Quanto à produção deste adubo, na primeira experiência ocorreram problemas que acabaram por gerar um biofertilizante de má qualidade em função do grande volume produzido; o volume em demasia ocasionou falhas no processo. Isso foi tomado como aprendizado e decidiu-se produzi-lo em quantidades menores para que todas as etapas possam ser devidamente cuidadas, considerando a capacidade operativa das famílias e as



exigências no processo de elaboração desses biofertilizantes. Depois deste rearranjo, a experiência técnica e os resultados deram um salto qualitativo. Atualmente o Bocashi está sendo empregado como adubo de plantio em canteiros (ainda sem resultados quantitativos de rendimento) e nas bandejas de plantio de mudas.

As famílias relatam grande motivação para o uso do Bocashi em função da elevação da qualidade das mudas, as quais se observam “mais bonitas, com mais força e mais verdes”. Também foram visualizadas melhoras no rendimento já que “melhorou muito a germinação”. Já, no segundo grupo de biofertilizantes, foi elaborado o biofertilizante líquido fermentado “Supermagro”, que é utilizado em adubação orgânica de cobertura em culturas já implantadas e em mudas recém-semeadas.

No terceiro grupo foram produzidas caldas quentes (bordalesa e sulfocálcica) e frias (calda cinza). As primeiras cumprem papel importante para a regulação de patógenos presentes em várias culturas como o tomate, alface, quiabo e jiló. A segunda é usada para cumprir efeito amortecedor dos prejuízos do nitrogênio da ureia que ainda é utilizada em certas culturas; ela atua também protegendo as culturas contra o ataque de insetos, como a mosca branca e os pulgões.

A incorporação dos Insumos Biológicos também impulsionaram as famílias a voltar a produzir culturas que já não estavam mais sendo produzidas na região em função de doenças e ataques de insetos motivados pelo cercamento promovido pelo agronegócio. Destaca-se o tomate que já não era mais produzido pelas famílias da Comunidade e que retornou recentemente à pauta de produção.

Conclusões

A transição agroecológica está em seus estágios iniciais, de forma gradativa, mas já é possível observar aspectos positivos às famílias. Consideramos importante apontar as problemáticas decorrentes do processo de “transição” como algo que pode servir de orientação a futuras experiências, bem como para (re) pensar os caminhos da “transição”, sendo esta vista como um caminho contínuo, sem expectativa de um “clímax” ou final.

Na esteira deste raciocínio nos colocamos a refletir sobre como esse processo se sustentará e ampliará seus avanços, considerando o crescente cercamento das famílias. É possível garantir a transição agroecológica e um futuro processo agroecológico diante do contexto territorial cercado pela monocultura intensiva em agrotóxicos, pelas sementes híbridas e transgênicas, com água, ar e solos contaminados pelo processo convencional?

Resulta importante observar como a lógica econômica e produtiva do agronegócio cerca as famílias camponesas e seus territórios, mesmo que elas não queiram compor com aquela lógica; o aumento do ataque de insetos às plantações na Comunidade Cana Verde e a contaminação dos agrotóxicos usado pelos “vizinhos” tem se revelado



algo mais difícil do que o domínio de técnicas e a disposição para a transição agroecológica, em si.

Agradecimentos

Agradecemos à Comissão de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (CAPES) pela bolsa de estudos que viabiliza a pesquisa e à Universidade Pública e Gratuita, *lócus*, por excelência, da formação de profissionais a serviço da comunidade (importante ser lembrado nesse período de patrulhamento político e ameaças à Universidade Pública).

Referências bibliográficas

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e Extensão Rural: contribuições para o desenvolvimento rural sustentável**. IICA/EMATER-RS. Porto Alegre, 2004.

CHABOUSSOU, F. **Plantas doentes pelo uso de agrotóxicos. Novas bases de uma prevenção contra doenças e parasitas: a teoria da trofobiose**. Editora Expressão Popular. São Paulo, 2012.

GLIESSMAN, S. **Agroecologia: procesos ecológicos em agricultura sustentável**. Editora da UFRGS. Porto Alegre, 2007.

MACHÍN, B.; JAIME, A.; LOZANO, D. R.; ROSETT, P. **Revolução Agroecológica: o movimento camponês a camponês da ANAP em Cuba**. Editora Expressão Popular. São Paulo, 2012.

PRIMAVESI, A. M. **Agroecologia: ecosfera, tecnosfera e agricultura**. Editora Nobel. São Paulo, 1997.

RESTREPO, J. **El ABC de la agricultura orgánica**. Managua: SIMAS, 2007.

RIBEIRO, D. D. **Agricultura “Caificada” no Sudoeste de Goiás: do bônus econômico ao ônus sócio-ambiental**. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2005.

SHANIN, T. A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista. [1980]. **Revista NERA**. Ano 8, n.7, jul./dez. 2005. Presidente Prudente, 2005. p. 1-21.

SILVA, Edson Batista Da. **Cercados e a contrapelo: as expulsões e as reações camponesas à acumulação primitiva permanente em Goiás (1975 - 2015)**. Tese de Doutorado. IESA – UFG. Goiânia, 2018.